



As mudanças no mercado de quadrinhos nos últimos 40 anos¹

Paulo RAMOS²

Universidade Metodista de São Paulo³

Resumo

Este artigo atualiza pesquisa sobre o mercado editorial de quadrinhos realizada em 1967 por grupo coordenado por José Marques de Melo. A pesquisa fez um detalhado raio-x das editoras existentes na época e das revistas que então eram publicadas no Brasil entre os meses de agosto e novembro daquele ano. O estudo foi refeito, adotando-se os mesmos critérios. A proposta é comparar os dois momentos da produção editorial brasileira de quadrinhos, de modo a constatar o que mudou durante esse intervalo de 40 anos.

Palavras-chave

Quadrinhos; produção editorial; editoras e história editorial brasileira; bancas; tiragem

Proposta

Houve um movimento de estudos de quadrinhos na Europa a partir do fim da década de 1950 e do início da seguinte. Como era uma área nova, pelo menos academicamente, cada pesquisa adquiria ares de pioneirismo. No Brasil, os ecos dessa tendência teórica começaram a ocorrer alguns anos depois.

É de 1967 um dos primeiros –senão o primeiro– estudos sobre quadrinhos realizados no país. Um grupo de pesquisas de São Paulo começou a olhar com mais atenção o mercado editorial de revistas em quadrinhos da época. A equipe era coordenada por José Marques de Melo na Faculdade Cásper Líbero, situada na capital paulista. Posteriormente, os dados foram compilados no livro *Comunicação social: teoria e pesquisa*, escrito por Melo (1973).

A parte da obra dedicada ao tema foi intitulada *Quadrinhos no Brasil: estrutura industrial e conteúdo das mensagens*. Era composta por cinco capítulos. O primeiro

¹ Trabalho apresentado no NP-Produção Editorial do VIII Encontro de Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

² Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo; e-mail webramos@bol.com.br

³ Docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas



traçava um rápido panorama do surgimento das histórias em quadrinhos e da resistência que existia a elas. Nas palavras de Melo,

nas décadas de 1940 e 1950, justamente pelo seu florescimento, a indústria dos quadrinhos enfrentaria uma tenaz campanha em todo o país, campanha essa liderada por educadores e intelectuais que proclamavam a malignidade moral, social e cultural das revistas em quadrinhos. (MELO, 1973, p. 177)

Anos depois, o pesquisador testemunhou que, naqueles anos, sentia reflexos dessa resistência também na academia. “Eu era acusado clandestinamente de pesquisar o lixo cultural” (MELO, 2005, p. 134).

Foi dentro desse cenário que foi produzido estudo sobre o material quadrinístico publicado à época. Os resultados da pesquisa foram apresentados nos quatro capítulos restantes. O levantamento de dados se ancorou em dois eixos: 1) pesquisa junto às editoras; 2) análise de conteúdo das histórias, para saber a mensagem que passavam ao leitor. Neste artigo, interessam-nos os dados referentes à parte editorial.

A proposta deste artigo é (re)apresentar à comunidade acadêmica os resultados do estudo feito pelo grupo e atualizar os dados num novo levantamento, realizado em 2007. O que mudou no mercado editorial brasileiro de quadrinhos nesse intervalo de 40 anos?

É essa a pergunta que vai nortear toda a exposição.

Crítérios de análise

As informações do primeiro estudo foram coletadas nas editoras de quadrinhos existentes na época. A pesquisa tomou como base as revistas lançadas em bancas entre os meses de agosto e novembro de 1967. O levantamento registrou apenas as revistas chamadas "regulares", ou seja, com periodicidade fixa (quinzenal, mensal, bimestral, trimestral).

Neste artigo, adotaremos, num primeiro momento, o mesmo critério de análise. O recorte também foi o mesmo: títulos lançados em bancas entre os meses de agosto e novembro de 2007. O único diferencial se deu no método de levantamento das



informações, hoje disponível na internet, tanto em sites das editoras quanto em páginas virtuais que trazem notícias sobre quadrinhos⁴.

Dividimos a exposição dos dados dos dois levantamentos em cinco tópicos: bancas, editoras, material estrangeiro, gêneros e tiragem. Essa primeira etapa se pauta estritamente na comparação entre os dois momentos editoriais brasileiros, utilizando, vale reiterar, os mesmos critérios de análise. Por razões de espaço, não será elencado o nome de cada uma das publicações encontradas nos dois momentos históricos.

Numa segunda etapa, iremos ampliar a comparação com outros dados, não previstos no estudo realizado em 1967. As análises permitirão uma leitura mais precisa e fundamentada do atual mercado de quadrinhos, uma área ainda carente de números que ajudem a entendê-la melhor.

Comparação 1967-2007

1. Bancas

O número de revistas regulares lançadas nas bancas em 2007 foi menor se comparado ao levantamento anterior. Houve uma média mensal de 121 publicações regulares entre agosto e novembro de 1967.

O levantamento de 40 anos atrás incluiu fotonovelas como um dos gêneros dos quadrinhos. Essas histórias eram publicadas em revistas voltadas ao público feminino, como *Capricho* e *Contigo*, e representavam 15,7% dos lançamentos.

Em 2007, que não registrou mais nenhuma fotonovela, a média mensal foi de 84 títulos regulares. Esse número, no entanto, aumenta se forem somadas as publicações não regulares, como álbuns, minisséries e revistas sem periodicidade fixa. Nesse outro cenário, 2007 registra média de 110 títulos.

2. Editoras

Havia mais editoras em 2007 atuando nas bancas do que há 40 anos. Foram pelo menos 11, contra dez registradas na época da primeira pesquisa.

⁴ Foram usadas as páginas virtuais *Blog dos Quadrinhos*, *HQManiacs* e *Universo HQ*.



Em 2007, investiram no setor as editoras Abril, Conrad, Globo, JBC, Lumus, Mythos, Panini, Pixel, New Tokyo, On-Line e LB3. Esse número, entretanto, é maior. Há outras editoras, como HQM, L&PM e Devir, que mantêm títulos esporadicamente em algumas bancas de grande porte. Só não foram considerados nessa primeira etapa da comparação por não serem publicações regulares.

Há 40 anos, as editoras eram Ebal (Editora Brasil-América Ltda.), Rio Gráfica Editora, O Cruzeiro, Vecchi, Bloch, Abril, La Selva, Novo Mundo, Taika e Graúna. Abril e Rio Gráfica (esta rebatizada de Globo) foram as únicas que se mantiveram no mercado de quadrinhos nesse período. Vecchi e Bloch, na época, investiam no gênero fotonovelas. À exceção dessas duas editoras, todas as demais publicavam obras juvenis e infantis.

Quatro delas editavam material de terror e mistério (Rio Gráfica e Editora, Editora La Selva, Companhia Gráfica Novo Mundo e Editora Taika), gênero pouco visto no ano de 2007 em publicações regulares.

3. Material estrangeiro

Segundo a pesquisa feita em 1967, 70% das obras vendidas nas bancas tinham material estrangeiro, principalmente dos Estados Unidos e da Itália. Esse número foi maior no novo levantamento. 84,1% das revistas de banca de 2007 tinham conteúdo importado, principalmente dos Estados Unidos e do Japão.

Das 15,9% revistas com histórias nacionais publicadas em 2007, todas eram infantis.

4. Gêneros⁵

Ocorreu uma troca de gêneros entre os dois momentos analisados. Terror e fotonovela, que eram publicados em títulos regulares em 1967, sumiram das bancas em 2007. As fotonovelas, em especial, representavam as maiores vendas da época. A recordista era *Capricho*, com tiragem média de 461.776 exemplares. A título de comparação, a revista infantil de maior tiragem era *Mickey*: média de 334.508 exemplares por mês.

⁵ Trabalhamos neste artigo com a noção de gênero feita por Ramos (2007). O autor entende que existe um hipergênero chamado quadrinhos, que agrega diferentes gêneros, entendidos e lidos diante de diferentes fatores sociocognitivos interacionais.



No lugar do terror e da fotonovela, houve a presença em 2007 dos mangás e manhwas, nomes como são conhecidos, respectivamente, os quadrinhos japoneses e sul-coreanos. Os mangás e manhwas representaram -entre agosto e novembro de 2007- 18,6% dos quadrinhos regulares e não regulares vendidos em bancas.

5. Tiragem

Não há dados oficiais ou confiáveis hoje sobre tiragem de quadrinhos no Brasil. É uma informação que as editoras não têm interesse em divulgar. Por isso, não foi possível fazer uma comparação entre os dois períodos. Mas é possível perceber alguns sinais de que as vendas são menores.

A revista de *Recruta Zero* tinha, em 1967, tiragem de 75 mil exemplares/mês. Em dezembro de 2006, a editora Mythos, de São Paulo, recolocou a revista nas bancas⁶. A publicação foi cancelada meses depois por falta de compradores.

Outro indicador são as revistas Disney, da Editora Abril. Quatro delas, *Mickey*, *Tio Patinhas*, *Pato Donald* e *Zé Carioca* (as duas últimas quinzenais), somavam quase 1,114 milhão de exemplares em 1967. Estima-se que, hoje, a única franquia que faça frente a esses números seja a dos personagens criados por Mauricio de Sousa. O desenhista e empresário publica mais que o dobro de títulos do que a Disney apresentava há 40 anos. A média mensal é de oito revistas mensais e duas bimestrais.

Segundo a assessoria da Panini, multinacional que edita a Turma da Mônica desde o início de 2007⁷, houve nesse ano crescimento de 12% das vendas em relação a 2006, quando as revistas eram publicadas pela Editora Globo.

Ampliando a comparação

A análise, até este ponto, tomou como base os mesmos critérios da primeira pesquisa, ou seja, verificar o número de quadrinhos regulares presente em bancas. Ampliando o escopo atual, é possível observar outras diferenças em relação a 1967:

⁶ Sobre o lançamento, ver matéria de Ramos (2006), disponível em http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2006-12-01_2006-12-31.html#2006_12-23_09_42_35-128224777-25

⁷ Sobre o início da publicação da Turma da Mônica na editora Panini, ver matéria de Ramos (2007), disponível em http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2007-01-01_2007-01-31.html#2007_01-05_13_32_13-128224777-25



- Em 2007, havia pelo menos 24 editoras que mexiam especificamente (caso da Panini e da Conrad, para ficar em dois exemplos) ou parcialmente (como Companhia das Letras e Jorge Zahar) com quadrinhos
- As bancas continuavam sendo o principal ponto de venda. Representavam, em 2007, 88% do mercado (se desconsiderada a comercialização feita por meio da internet, algo ainda difícil de mensurar)
- Apesar da presença expressiva nas bancas, a maioria das editoras (70,8%) investiam em livrarias, mercado que representava 12% do setor. Algumas, como a Panini e a Conrad, vendiam tanto em livrarias quanto em bancas. Lojas especializadas em quadrinhos –conhecidas como *comic shops* vendem todas as publicações relacionadas a quadrinhos, quer sejam de bancas ou de livrarias e, por isso, não foram levadas em conta nesse levantamento
- A presença nas livrarias ajudou a diversificar os gêneros de títulos lançados no país em 2007, de jornalismo em quadrinhos a adaptações literárias. A ida às livrarias também tem conseguido chamar a atenção de um leitor adulto, com maior poder aquisitivo.
- Livrarias, internet, lojas especializadas em quadrinhos e supermercados (os três últimos não mensurados nesse estudo) representaram novos pontos de venda de quadrinhos, inexistentes em 1967. A editora gaúcha L&PM tem feito parcerias com farmácias também.
- A média de lançamentos regulares e não regulares em bancas e livrarias é de 125 títulos por mês (contra 121 nas bancas em 1967, que não levava em conta os títulos não regulares). O número aumenta se forem consideradas as revistas independentes (que tinham em média de três a quatro publicações por mês entre agosto e novembro de 2007). É bem possível que tenha havido, na época, mais quadrinhos publicados do que há 40 anos. A produção virtual ajuda a corroborar essa tese.
- A Panini é a editora que mais publica quadrinhos no país. De cada dez lançamentos, seis são da editora multinacional.



- A presença da Panini no Brasil –a multinacional começou a investir em quadrinhos no país no início do século- mudou o mercado nacional, principalmente o de bancas, que registrava no fim do século passado um interesse editorial visivelmente menor.
- Super-heróis foi o gênero com mais títulos lançados no Brasil no segundo semestre de 2007. Representaram média mensal de 24,5% dos títulos regulares publicados entre agosto e novembro de 2007. Essa fatia do mercado aumenta se forem considerados os álbuns e minisséries (tidos como não regulares). Revistas exclusivamente infantis representaram 23,5% das publicações. Mangás e manhwás, como já mencionado, 18,6%.

Considerações finais

O estudo feito pelo grupo coordenado por José Marques de Melo em 1967 foi um dos pioneiros na área de quadrinhos no país. O mapeamento editorial da época é possivelmente o único registro desse porte realizado no Brasil. Mais do que uma atualização de dados, uma volta ao estudo é uma forma de reconhecimento à pesquisa, que completou 40 anos em 2007.

A comparação entre os dois levantamentos permitiu observar que o país lançou em 2007 uma diversidade maior de títulos em quadrinhos do que havia 40 anos antes. O mercado nacional também possuía em 2007 mais editoras e diversificou os pontos de venda de quadrinhos, embora as bancas ainda dominassem o setor (representam 88% dos pontos de venda procurados pela editoras).

Gêneros importantes há 40 anos, como terror e fotonovelas, sumiram das bancas. O caso das fotonovelas é mais contundente, posto que vendagens altíssimas em 1967. Foram substituídos por outros gêneros, vindos do oriente. Há indícios de as vendas deste século sejam menores do que as registradas na segunda metade da década de 1960. A falta de dados, no entanto, impede que seja feita uma conclusão mais precisa.

Embora não seja o foco da comparação, é importante registrar que o início do ano de 2008 trouxe algumas mudanças editoriais, que levariam a um resultado diferente. A principal alteração foi a decisão da Editora Globo de abandonar o mercado de bancas. A empresa optou por investir apenas em livrarias, com publicações feitas no formato de livros, uma das tendências do mercado. Isso reduziu o número de títulos mensais em



bancas. Outro dado é que a Editora Conrad atrasou a publicação de mangás mensais nos primeiros meses de 2008 (caso de *Battle Royale*). E a recém-criada LB3 não havia publicado revistas novas até o início de julho do mesmo ano.

O ponto central é que levantamentos como o realizado pela equipe de Melo são essenciais para uma melhor compreensão dos quadrinhos tanto como veículo de comunicação de massa quanto como produto editorial. São dados que deveriam ser atualizados regularmente, de modo a permitir uma leitura mais fundamentada sobre a área quadrinística brasileira. Não é o que ocorre. Há uma carência de informações sobre o mercado editorial de quadrinhos no país, o que prejudica uma análise mais aprofundada e precisa do setor.

Esta exposição procurou atualizar o estudo, de modo a apresentar algumas respostas para estudos futuros. O ideal é que, nos próximos anos, os dados sejam regularmente atualizados por outros pesquisadores.

Referências

MELO, J. M. **Comunicação social: teoria e pesquisa**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. Quem tem medo dos quadrinhos? In: LUYTEN, S. B. (org.). **Cultura pop japonesa**. São Paulo: Hedra, 2005. p. 131-135.

RAMOS, P. Panini começa a publicar Turma da Mônica. **Blog dos Quadrinhos**. Disponível em: http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2007-01-01_2007-01-31.html#2007_01-05_13_32_13-128224777-25. Acesso em: 5 jul. 2008, 13:07:30.

_____. Recruta Zero e Hagar voltam às bancas. Fantasma é o próximo. **Blog dos Quadrinhos**. Disponível em: http://blogdosquadrinhos2.blog.uol.com.br/arch2006-12-01_2006-12-31.html#2006_12-23_09_42_35-128224777-25. Acesso em: 5 jul. 2008, 13:01:30.

_____. **Tiras cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. São Paulo, SP. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

www.blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br . Acesso em: 5 jul. 2008, 14:47:50.

www.hqmaniacs.com . Acesso em: 5 jul. 2008, 14:53:53.

www.universohq.com . Acesso em: 5 jul. 2008, 14:59:13.